

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Liberal

Class.: 138

Data: 27/04/85

Pg.: _____

4468

Lucio Flavio Pinto

Lógica do conflito

Numa frente pioneira, não se previne o surgimento dos problemas, nem se combate suas causas: a atenção é deixada para o momento em que é preciso atacar suas manifestações. O conflito faz parte da dinâmica da vida. O desgaste humano e social é uma componente natural. Quem achar ruim que se mude para o sul maravilha.

Os exemplos são inúmeros. Um dos mais recentes é este vivido pelos índios Gaviões. A história da comunidade é interessantíssima. Ela teria muitos motivos para lamentar sua vizinhança com os principais dos projetos em implantação na Amazônia. A área dos Gaviões, 62 mil hectares de terras a 30 quilômetros de Marabá, é cortada pelas torres da linha de transmissão de energia da hidrelétrica de Tucuruí e pela ferrovia Carajás-Ponta da Madeira, além da BR-222.

Mas os índios souberam tirar benefício de situações que, vividas por outra tribo, seriam extremamente prejudiciais. Desde 1976 os Gaviões já vinham negociando diretamente com exportadores, estabelecidos em Belém, a venda da safra de castanha extraída na reserva Mãe Maria. Antes, haviam eliminado a nociva intermediação que a Funai exercia. Este ato significou o ingresso da comunidade no mercado monetário. Acabara, nesse momento, uma multissecular história de economia meramente de escambo, na base da troca.

As teorias estão à mão alertando para o impacto desta mudança de nível civilizatório. Mas os antropólogos não têm gasto suas teorias com os Gaviões, o que é uma pena. De qualquer maneira, a experiência foi ensinando muita coisa aos índios, especialmente os malabarismos da negociação no "mundo dos brancos". Usaram esse conhecimento para arrancar boas indenizações da Eletro-norte e da Companhia Vale

do Rio Doce em troca da permissão para a passagem da linha de energia e da ferrovia.

Se houvesse ideologia na cabeça de nossa burocracia, o preço pago aos índios pelo aprofundamento do ingresso na economia complexa seria insignificante. Mas poucos dos cônsules enviados a este outro lado do país vêem pouco além de seus narizes, se estes não forem muito compridos. Em uma das reuniões de negociação do valor da indenização, um desses pró-homens de Brasília quase perde a cabeça a bordunadas — e nem sequer se apercebeu de que ofendera o "capitão" Kokrenum, provocando a ira do irmão do chefe da tribo. "Bwana" não percebe essas sutilezas interétnicas.

Os Gaviões são das raras comunidades indígenas neste país a disporem de renda própria e capacidade de auto-sustentação. Já estão no mercado, contaminados pelo "fetiche da mercadoria", como diria um economista clássico. O caminho não tem regresso. Seriam um "tipo ideal" da propaganda aculturativa, o leit-motiv nos contatos entre as duas sociedades.

Mas dizem que os índios estão exagerando nos pedidos, induzidos pelo exagero no consumo, a sedução do supérfluo. A possibilidade existe e aplica-se em alguns casos. Não deve, porém, estimular um ranço de má vontade. A ferrovia pode significar três bilhões de cruzeiros em caderneta de poupança, retirada mensal de 30 milhões e uma verba razoável para financiar algumas obras na aldeia. Mas certamente vai levar muitos problemas à comunidade. Quem viabiliza os benefícios não pode esquecer que eles têm um custo. Inteligente seria pensar nas duas pontas da linha.

Os índios estavam iniciando a construção de uma "picada" que lhes permitiria

o acesso ao limite sul da reserva, por onde passarão os trens carregados de minério no rumo do litoral maranhense. Através dessa "picada" os índios fiscalizariam a ferrovia e poderiam fazer o escoamento da produção de castanha. O ataque de surpresa que a turma de trabalhadores sofreu não apenas suspendeu a construção, mas também intimidou toda a mão-de-obra que poderia ser recrutada para a coleta da castanha.

Os índios têm andado por toda a área próxima à reserva sem encontrar gente disposta ao trabalho. Todos sabem quem fez a emboscada, mas o inquirido não passou do pedido de providências: ninguém sequer foi ouvido. A impunidade incrementará as invasões e a intimidação.

Os Gaviões querem providências. Elas servirão de exemplo, mostrando que há autoridades dispostas a não permitir a repetição dos fatos. Além disso, os índios argumentam que, se um deles tivesse sido morto no ataque, a situação estaria muitas vezes pior do que a ameaça de interdição da antiga PA-70, que vai de Marabá à Belém-Brasília.

É claro que fechar a ferrovia e a rodovia ou atacar a linha de transmissão de energia constituem reações desproporcionais. Causariam mais problemas aos índios do que resolveriam os que já existem. Não fazer nada, alegar que as reclamações são "coisa de índio", no entanto, é a melhor maneira de fomentar uma tensão facilmente contornável na sua origem, se contra ela forem adotadas as medidas eficazes. Um novo choque entre os invasores da reserva e os índios pode ter consequências imprevisíveis. E todas elas poderão ser creditadas ao imobilismo dos que deveriam cuidar dos canais competentes.